

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

VIVIANE BERNARDINO DO AMARAL

COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA E AFETIVIDADE NA
EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Porto Alegre

2024

VIVIANE BERNARDINO DO AMARAL

**COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA E AFETIVIDADE NA
EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação Física
da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, como requisito para obtenção do grau
de Licenciada em Educação Física

Orientadora: Lisandra Oliveira e Silva

Porto Alegre

2024

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender a importância da Comunicação Não-Violenta como ferramenta para favorecer a comunicação, resolução de conflitos e o vínculo afetivo entre professoras e crianças nas aulas de Educação Física na Educação Infantil. Tendo em vista que a afetividade é um fator fundamental para a criança no período da Educação infantil e no seu processo de aprendizagem, reflito sobre como a comunicação efetiva é parte fundamental para solucionar conflitos presentes em aula. Além disso, desataco que as aulas de Educação Física são uma ótima oportunidade para, através de aulas lúdicas e atrativas, cumprir com seus diversos objetivos, dentre eles, o desenvolvimento físico, motor, psicológico e social das crianças, proporcionando um ambiente para que se desenvolvam de modo integral, com entendimento dos seus sentimentos e emoções, através de reflexões e autonomia. Metodologicamente, trata de uma pesquisa bibliográfica que foi realizada através de pesquisa em repositórios online, juntamente com uma reflexão exploratória e descritiva sobre como o tema da pesquisa foi experienciado pela autora no período de Estágio Docente de Educação Física na Educação Infantil. Para obtenção de informações foram utilizados os seguintes procedimentos: Diário de Campo, Observação Participante e Narrativa Docente. Como principais conclusões destaco o quanto a afetividade, a comunicação e a rotina podem impactar diretamente nas atitudes de crianças na Educação Infantil e em como a Comunicação Não-Violenta pode ser útil para o manejo de conflitos presentes em sala de aula, principalmente nas aulas de Educação Física, pois podemos incluir reflexão e diálogo em momentos agradáveis com atividades lúdicas e atrativas.

Palavras chaves: Educação Física Escolar. Comunicação Não-Violenta. Afetividade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA DE PESQUISA.....	7
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	8
1.2 OBJETIVOS	8
1.2.1 Objetivo geral	9
1.2.2 Objetivos específicos.....	9
2 REVISAO DE LITERATURA	10
2.1 A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	12
2.2 O QUE É A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA E COMO PRATICÁ-LA.....	15
2.3 A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	18
2.4 A CÔMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA E A EDUCAÇÃO FÍSICA.....	21
3 METODOLOGIA	25
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	25
3.2 PROCEDIMENTOS PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES	25
3.2.1 Análise de Documentos	25
3.2.2 Diário de Campo	26
3.2.3 Narrativa Docente.....	26
4 PROCESSO DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES.....	28
4.1 O VÍNCULO AFETIVO, A ROTINA ESCOLAR E OS CONFLITOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	28
4.2 A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA E A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EEDUCAÇÃO INFANTIL.....	36
CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICES.....	45
APÊNDICE A – TABELA DA REVISÃO DE LITERATURA	45

INTRODUÇÃO

O presente trabalho será baseado em uma revisão bibliográfica com o objetivo de investigar as contribuições da Comunicação Não-Violenta (CNV) e como ela auxilia no desenvolvimento do vínculo afetivo e pedagógico com as crianças da Educação Infantil nas aulas de Educação Física, além de vislumbrar as possibilidades de como pôr em prática os conhecimentos da CNV na escola de Educação Infantil.

O interesse pelo tema tratado neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) surgiu a partir da prática pedagógica do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, realizado em 2023, em uma escola pública de Educação Infantil da cidade de Porto Alegre. Na experiência de estágio e diante das dificuldades que me deparei em solucionar algumas situações conflitantes junto as crianças no decorrer das aulas, percebi que as contribuições da CNV poderiam ter me ajudado naquele momento.

Acredito que este trabalho seja importante tanto para instigar o debate e a visibilidade do tema, como também para um “auxílio” para quem gostaria de ter essa abordagem com crianças e adolescentes na escola, e, talvez, não saiba muito como começar.

O vínculo afetivo com as crianças é uma característica muito importante quando falamos de Educação Infantil e espera-se que a CNV facilite a criação deste vínculo através de abordagens mais sutis e conscientes e menos “truculentas”. Como as aulas de Educação Física geralmente demandam muita energia e movimentação das crianças, é fundamental que o professor a frente da turma saiba como ter esta troca com as crianças, e, do mesmo modo, saiba como se portar a elas sem que seja a partir uma linha de autoritarismo, com alterações extremas da voz e imposições verticais, pois isso dificulta a criação e o desenvolvimento do vínculo afetivo esperado.

De acordo com Rosenberg (2005), a CNV nos ajuda a reformular a maneira pela qual nos expressamos e ouvimos os outros. No lugar de reação repetitivas e automáticas, expressamos respostas conscientes, baseadas nas nossas percepções, o que sentimos e desejamos, com honestidade e nitidez.

No desenvolvimento da revisão de literatura deste trabalho, presente no capítulo dois, será tratado os respectivos assuntos apresentados em sub capítulos: no sub

capítulo um tópico um será apresentado a importância do vínculo afetivo nas aulas da Educação Infantil. No subcapítulo dois será explicado o que é a CNV e como pôr em prática. No subcapítulo três são apresentadas as articulações entre a comunicação não violenta e as aulas de Educação Física na Educação Infantil. O subcapitulo quatro apresenta a relação com a prática da comunicação não violenta e a Educação Física. Por fim, no capítulo três, apresentarei a metodologia da pesquisa, seguido do capítulo quatro, onde trarei o processo de análise e de interpretação das informações.

1 APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA DE PESQUISA

Acredito que diferentemente da maioria dos estudantes que ingressam no Curso de Licenciatura em Educação Física, meu grande objetivo nunca foi atuar na área. Sou formada em Nutrição desde 2022 e quando ingressei no curso de Educação Física, em 2018/2, tive como objetivo aprimorar meus conhecimentos na área da saúde para melhorar a troca com meus pacientes.

No decorrer da graduação, até aproximadamente o quarto semestre, eu seguia firme com o pensamento de que atuar na área da Educação Física realmente não fazia parte dos meus planos. Foi então que tive o primeiro contato que me despertou o interesse, na disciplina de Educação Física Adaptada, no ano de 2022. Naquele momento, foi a primeira vez que senti vontade em atuar na área, mas não na parte de licenciatura. A partir daí, além de cursar, fui monitora da referida disciplina, que era trabalhada com a professora Aline Strapasson e, também, fui monitora voluntária no Projeto de Extensão Down-Ri, que era realizado no Ginásio Esportivo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com crianças e adolescentes com Síndrome de Down pertencentes a comunidade interna e externa que tinham interesse e disponibilidade em comparecer as aulas realizadas no Ginásio, terças e quintas na parte da tarde e quartas-feiras pela manhã. As aulas eram atividades variadas que estimulavam a atenção, cognição, memória, movimentação, deslocamentos, saltos, desenvolvimento motor grosso e fino, entre outros.

A vivência no Projeto com crianças e adolescentes com Down me fez entender que essa troca com elas me fazia realmente muito bem. Havia dias que eu estava me sentindo emocionalmente e fisicamente exausta, mas ao chegar no Ginásio era sempre uma enxurrada de carinho e amor, que eu saía renovada. Percebi que essa troca realmente melhorava meu dia e que era um mundo lindo que a Educação Física poderia me proporcionar (porém, nada que ainda fizesse me ver como professora).

O momento em que consegui ter uma “virada de chave” (como costumo falar) em relação a me ver no mundo da licenciatura em Educação Física, foi quando fiz os dois estágios de docência de Educação Física, na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Foram momentos que eu me sentia muito bem em meio a turma, apesar de ser muito desafiador, principalmente por entender como lidar e interagir com toda a turma sem deixar que uma professora autoritária e gritona (eu mesma)

tomasse conta das minhas aulas. Por diversas vezes, ao sentir que estava perdendo o “controle” da turma ou de determinadas situações, a minha primeira atitude era tentar “controlá-los”, a base de gritos e ordens. A cada situação com crianças mais desafiadoras que não cumpriam combinados, que machucavam os colegas e que eram explosivas, a primeira atitude que me vinha a mente era: gritos e cobranças.

Na minha infância, eu cresci com gritos, autoritarismo e na “cultura do medo”, então, é um grande desafio conseguir melhorar e não reproduzir esse “modo operante”, o que me traz ao tema escolhido para o presente estudo: Comunicação não-violenta e afetividade.

Entendo que não só no mundo acadêmico, mas em todas relações necessárias na vida, o modo como nos comunicamos com o outro diz muito sobre nós mesmos. Saber observar, analisar sentimentos envolvidos, necessidades e, a partir deste ponto, entender como agir para solucionar questões daquele momento de forma mais tranquila e afetiva, é muito mais eficaz do que continuar com velhos hábitos que violentam passivamente a outra pessoa, e, muitas vezes, não levam a aprendizagem alguma, como gritos e ordens sem contextualizações. Quando temos uma comunicação mais acolhedora e uma postura mais afetiva a criança (e até mesmo a pessoa adulta) se sentirá mais confortável e o vínculo provavelmente será alcançado com maior sucesso, proporcionando um melhor ambiente para o seu desenvolvimento.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Frente ao apresentado, o problema de pesquisa se constituiu na seguinte questão: **Como a prática da Comunicação Não-Violenta pode ser realizada na Educação Física na Educação Infantil?**

1.2 Objetivos

A partir do problema de pesquisa apresentado, apresento, a seguir, os objetivos geral e específicos do Trabalho.

1.2.1 Objetivo Geral

Compreender como a prática da Comunicação Não-Violenta pode ser realizada na Educação Física na Educação Infantil?

1.2.2 Objetivos Específicos

- Compreender a importância do vínculo afetivo nas aulas de Educação Física na Educação Infantil;
- Apresentar o conceito de Comunicação Não-Violenta, bem como seus princípios, base teórica e práticas;
- Compreender as manifestações da Comunicação Não-Violenta nas aulas de Educação Física na Educação Infantil;

2 REVISAO DE LITERATURA

Para revisão de literatura deste Trabalho realizei pesquisas em livros, artigos científicos, dissertações, dicionários e enciclopédias. Todos os materiais foram em formato impresso ou divulgados em portais de revistas acadêmicas, catálogos ou repositórios online.

As fontes digitais acessadas para a busca do material foram: Revista de Educação Física, Esporte e Lazer Motrivivência, Motriz: Revista de Educação Física, Revista de Educação Física da UFRS Movimento, Revista Pensar a Prática, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista da Educação Física da Universidade Estadual de Maringá, Cadernos de Formação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), SABI: Catálogo Online da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, LUME: Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

A pesquisa feita nos repositórios online foi através da utilização dos seguintes descritores: "Comunicação não-violenta", "Educação Infantil", "Educação Física", "Afetividade" e "Agressividade". Ao todo da pesquisa foram encontrados 92.580 arquivos a partir da procura separadamente de todos os descritores citados. Primeiramente foi feita a leitura dos títulos dos arquivos para uma pré-seleção de acordo com a aproximação ao tema do presente trabalho. Importante frisar que quando a procura resultava em um número muito alto para aquele descritor, foi realizada a leitura de pelo menos os primeiros 150 títulos na ordem em que apareciam, para conseguir fazer a seleção prévia das leituras. Após, houve a leitura dos resumos daqueles selecionados, resultando em 35 arquivos relacionados ao tema. Foram encontrados 14 arquivos duplicados, restando 21 arquivos para a leitura integral e análise das informações. Os 35 materiais encontrados estão listados na tabela presente no Apêndice A deste trabalho.

A escola tende a ser o primeiro meio social ao qual as crianças são inseridas após o contexto familiar. Este novo meio traz vivências novas, mudanças de regras, de espaço, de adultos de referência e até do modo como se comunicar. Tais alterações na rotina das crianças acabam sendo um desafio grande para grande parte delas e o professor passa a ser a pessoa de referência naquele ambiente. Com isto, se destaca a importância da afetividade e da confiança neste cenário, pois

isso proporcionará um ambiente onde as crianças tendem a se sentir mais seguras e acolhidas, o que irá facilitar o bem-estar delas, facilitando a adaptação e a aprendizagem. De acordo com Castro (2011), a afetividade possui um papel fundamental na construção do conhecimento, podendo ser considerada um estímulo para que novos aprendizados sejam efetivos. E segundo Biscarra (2012), uma educação sem afetividade acaba tornando a aprendizagem um processo sem significação, pois leva a desmotivação a inquietude e ao aborrecimento da criança, resultando muitas vezes, na indisciplina escolar.

Lopes (2010) destaca a importância e responsabilidade do professor com um ser atento as observações das atitudes e inquietações que a criança apresenta no seu processo de formação, muitas vezes pelo misto de sentimento sendo descobertos por ela. Então, sempre que possível, o professor deve fazer a mediação de conflitos para que seja possível desenvolver habilidades de comunicação e sentimentos positivos.

A Comunicação Não-Violenta (CNV) é uma abordagem de comunicação que foi desenvolvida por Marshall Rosenberg na década de 1960. A metodologia tem como objetivo a resolução de conflitos e o aprimoramento de relações interpessoais, evitando abordagens agressivas, exercitando as habilidades da fala e escuta, possibilitando a conexão e autoconhecimento e tendo percepção do que se pensa, fala e escuta, proporcionando assim uma comunicação respeitosa e empática, e um ótimo recurso para resolução de conflitos. Ao longo do trabalho serão apresentados os componentes da CNV, para que seja possível entender e exercitar como ela ocorre em prática.

De acordo com Santos (2021), devido as adaptações necessárias ao ambiente escolar, como a adaptação social, o compartilhamento de espaços, atividades, normas e sistemas, o ambiente escolar acaba proporcionando algumas situações conflituosas, principalmente pelas dificuldades encontradas na comunicação que acaba impactando na convivência harmoniosa. Logo, como apresenta Kalil (2018), a capacidade e a necessidade de uma comunicação assertiva e efetiva deve estar presente no ensino, para ser aprendido, valorizado e cultivado. E Santos (2021), acredita que quando uma escola, ou professores, iniciam a prática da CNV, dá-se início a possibilidade de um processo de aprendizagem de uma nova forma de comunicação, incentivando a reflexão e contribuindo para resolução de conflitos por meio do diálogo.

As Aulas de Educação Física na Educação Básica possuem conteúdos e objetivos para auxiliar a desenvolver a criança na sociedade em diversos aspectos. Estas aulas devem proporcionar novas vivências da cultura corporal de forma lúdica e atrativa, de forma prazerosa, e isto acaba desencadeando uma série de emoções que muitas vezes auxiliam nos laços de afetividade e confiança entre professor e criança. Estas crianças ainda estão no processo de aprendizagem para compreensão, nomeação e como lidar com suas emoções e sentimentos, e muitas vezes, este misto de sensações pode levar a agitação, ocasionando empurrões, quedas e gritos nas aulas de Educação Física. Com isto, Schimitt (2020) nos traz que o ambiente das aulas de Educação Física é um ótimo momento para a implementação de um trabalho voltado para a resolução de conflitos através da ludicidade, jogos, dinâmicas e discussões de conflitos cotidianos. Exercitando desde cedo o reconhecimento e a expressão positiva de suas emoções, a escuta ativa, o manejo da raiva e impulsividade.

A utilização da CNV por parte dos professores irá auxiliar na promoção de um ambiente de aprendizado melhor, onde as crianças se sentirão mais à vontade e confiantes para expressar suas dúvidas, pensamentos e receios em relação a atividade proposta, gerando um diálogo mais sincero e ambiente menos conflituoso.

Os tópicos a seguir do trabalho foram desenvolvidos através de uma revisão bibliográfica da literatura, conforme tabela apresentada no Apêndice B, com o objetivo de aprofundar o conhecimento para entender como a Comunicação Não-Violenta (CNV) pode auxiliar no desenvolvimento do vínculo afetivo e pedagógico com as crianças da Educação Infantil nas aulas de Educação Física.

2.1 A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na Educação Infantil, a escola, é geralmente o primeiro meio social ao qual as crianças irão se inserir, após o contexto familiar, e esse processo de inserção pode gerar um certo “sofrimento” para que ela se adapte a essa nova forma de socialização.

No contexto familiar, as crianças se sentem à vontade, pois estão acostumadas ao convívio com pessoas que estão presentes no seu dia a dia, as regras conhecidas e construídas, e se sentem seguras para explorar o ambiente que ali estão inseridas. Já na escola, será, provavelmente, a primeira vez que terão que

lidar com costumes, culturas, comunicações e regras distintas das que possuem em casa, e isso pode gerar desconforto a elas.

A partir disso, destaco que quando crianças e professoras conseguem construir uma relação de afeto e de confiança, as crianças tendem a se sentir mais seguras e acolhidas, o que facilita o bem-estar delas neste ambiente novo, pois a ternura no trato entre crianças e professoras facilita o processo de adaptação e educação.

De acordo com a descrição do Wikipédia, a enciclopédia livre da internet, a afetividade é que permite o ser humano de demonstrar os seus sentimentos e emoções a outro ser ou objetos. E de acordo com a descrição apresentada no dicionário Michaelis: “A afetividade é uma qualidade ou caráter daquele que é afetivo [...] e um conjunto de fenômenos psíquicos que se revelam na forma de emoções e de sentimentos” (Dicionário Michaelis Online, 2024).

De acordo com Castro (2011), a afetividade está presente no nosso dia a dia, em todas as nossas relações e, assim, se faz no ambiente escolar. Ela possui um papel fundamental na construção do conhecimento, podendo ser considerada um estímulo para que um novo aprendizado seja efetivo. O afeto auxilia na motivação em querer aprender, em comparecer as aulas e a interação entre professores e colegas (Castro, 2011).

A afetividade de acordo com Antunes (2006), pode ser compreendida:

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor (p. 5) [grifo do autor].

Castro (2011) ressalta que a afetividade está (ou deveria estar) totalmente inserida no ambiente escolar, principalmente na Educação Infantil, sendo tão importante quanto (se não mais), que a educação do corpo e da mente, pois as interações afetivas impactam diretamente no desenvolvimento e na construção do conhecimento. A cognição e a afetividade estão diretamente relacionadas com o desempenho das crianças (Castro,2011).

A interação social é fundamental para o desenvolvimento do ser humano enquanto um ser social. A escola, por sua vez, tem o papel fundamental nesse

processo, pois é onde as interações com os demais sujeitos sociais ocorrem, sendo então, uma ferramenta fundamental no processo de socialização e de desenvolvimento do ser humano.

De acordo com Gaspar (2023), as relações que são criadas dentro da sala de aula fazem parte de um processo fundamental para o desenvolvimento e o conhecimento individual e social das crianças, auxiliando no processo de transformação em seres pensantes sociais. Esta construção se dá a partir do diálogo, pois é capaz de proporcionar momentos de trocas, facilitando a criação de vínculos e laços afetivos, e estes, serão criados a partir da convivência no ambiente escolar, auxiliando no reconhecimento e na compreensão do outro como integrante da sociedade (Gaspar, 2023).

Para Vygotsky (2003, p. 121):

As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente.

A afetividade é vista um elemento fundamental no processo de desenvolvimento da personalidade infantil. E segundo Biscarra (2012), uma educação sem afetividade acaba tornando a aprendizagem um processo sem significação, como se ambas se encaixassem em uma engrenagem, levando então a desmotivação, à inquietude e ao aborrecimento da criança. Muitas vezes, o resultado dessa falta de afetividade resulta na indisciplina escolar (Biscarra, 2012).

Ainda, segundo a autora, o professor ao acompanhar o aluno, deve estar sempre atento a suas atitudes e situações de agressividade e inquietações, pois estas, geralmente são sinalizadoras de que algo não está bem e o aluno necessita de ajuda. Infelizmente, muitas vezes, esse turbilhão de emoções que as crianças têm, são confundidas com indisciplina e são tratadas como tal, resultando agravamento da situação ou o isolamento da criança, pois reforça o medo, a insegurança, raiva e tristeza que aqueles atos estavam tentando transparecer (Biscarra, 2012).

Segundo Lopes (2010), a Educação Infantil é (ou deveria ser) um ambiente transformador para a criança, pois é nele que ela começa a expandir seus

horizontes e é inserida no contexto do mundo. Sendo assim, a responsabilidade do educador muito significativa, pois deve preocupar-se com esta criança que está em processo de formação, onde há um misto de sentimentos sendo descobertos por parte da criança, logo, precisam contar com a orientação, mediação e acompanhamento de uma pessoa de referência em sala de aula. O professor, na medida do possível, deve fazer a mediação para que as crianças desenvolvam habilidades de comunicação e sentimentos positivos, como a afetividade, influenciando positivamente para um aprendizado tranquilo e com possíveis traumas minimizados (Lopes, 2010).

A partir disso, entendo que conhecer a criança é um passo fundamental para que seja possível compreender o seu modo de viver e poder construir uma relação pedagógica benéfica e construtiva para ambos os lados (docente e criança). É importante entender que as mudanças que ocorrem na vida da criança serão de acordo com o meio em que ela vive e com as pessoas com quem convive, ou seja, familiares, amigos e professores. Sendo, nesse sentido, fundamental o olhar atento e ações específicas por parte do professor na constituição dessa criança, e isso só será possível quando se conseguir por em prática o olhar sensível, atento e afetuoso para com esta. Deste modo, as crianças se sentirão acolhidas, protegidas e amadas, e aos poucos, se sentirão à vontade para investigarem, explorarem e demonstrarem suas curiosidades com este novo ambiente que as rodeia, no caso, a escola.

2.2 O QUE É A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA E COMO PRATICÁ-LA

A Comunicação Não-Violenta (CNV) é uma abordagem de comunicação que foi desenvolvida por Marshall Rosenberg, psicólogo e orientador educacional dos Estados Unidos, na década de 1960. Rosenberg trabalhava em uma escola que era contra a segregação social, realidade estadunidense na época. Seu trabalho voltou-se para a comunicação dentro da escola. No contexto de uma escola que lutava contra a segregação, surgiu a Comunicação Não Violenta.

A metodologia da CNV tem como objetivo a resolução de conflitos e o aprimoramento de relações interpessoais, sem o uso de uma abordagem agressiva, compreendendo as habilidades de falar e de ouvir, possibilitando a conexão consigo mesmo e com os outros, tendo consciência sobre o que se pensa, escuta e fala.

Rosenberg (2006) apresenta em sua obra intitulada “Comunicação Não-Violenta. Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais”, que, apesar de muitas vezes considerarmos nossa comunicação como não “violenta”, a maneira como falamos, geralmente, nossas palavras, acabam induzindo à mágoa e à dor, seja para os outros ou para nós mesmos quando queremos demonstrar insatisfação com algo. Isso porque, na maioria das vezes, nossas respostas são automáticas, reativas, agressivas e cheias de julgamentos.

Logo, a base da CNV é centrada em habilidades de linguagem e de comunicação que visa o fortalecimento da capacidade de continuarmos humanos, mesmo quando nos deparamos com situações adversas, de como nós deveríamos nos relacionar uns com os outros. Ou seja, Rosenberg (2006) destaca que a CNV nos ajuda a reformular a maneira pela qual nos expressamos e ouvimos os outros, tornando nossas palavras resultados de uma escuta respeitosa e empática, conscientes do que estamos percebendo, sentindo e desejando, nos expressando de forma honesta e nítida ao receptor da mensagem.

Rosenberg (2006) nos apresenta os quatro componentes modelos da CNV, sendo: observação, sentimento, necessidade e pedido, que apresento a seguir.

Componente	Explicação
Observação	A observação da situação completa e o que está acontecendo nela, sem que haja nenhum tipo de avaliação ou julgamento, mas entender como isso afeta o nosso bem-estar. Quando a observação é feita junto a avaliação, é provável que o receptor da mensagem escute como crítica e leve a resistência da aceitação do que está sendo dito. Exemplo com avaliação: “Você raramente faz o que eu quero”. Exemplo com observação: “Nas últimas três vezes em que comecei alguma atividade, você disse que não queria fazê-la”.
Sentimento	Devemos identificar como nos sentimos diante da observação feita (magoa, alegria, irritação, dentre outros). A identificação de forma coerente e específica das emoções facilitam a conexão uns com os outros. Exemplo: “ <i>Sinto vontade</i> de bater em você” (não expressa o sentimento). “Estou <i>furioso</i> com você” (com identificação e expressão de sentimento).
Necessidade	A necessidade é reconhecer a raiz do sentimento gerado. O que é dito ou feito pode ser o estímulo, mas não a <i>causa</i> dos sentimentos. Sentimentos negativos geralmente estão associados a necessidades não atendidas. Exemplo: “Sinto-me frustrada quando você chega atrasado” (expressa necessidades ou pensamentos subjacentes aos sentimentos). “Sinto-me frustrada quando você chega atrasado, <i>porque</i> eu esperava que conseguíssemos poltronas na primeira fila”.
Pedido	Expressar de forma nítida e honesta como nos sentimos, ou seja, com um pedido específico, evitando o uso de frases vagas, abstratas ou

	<p>ambíguas. Devemos focar em ser nítido com o que estamos pedindo que seja feito e não ao que não está sendo feito, usando de linguagem e ações positiva.</p> <p>Exemplo: Ao invés de “Gostaria que você demonstrasse mais respeito por minha privacidade”, algo como “Gostaria que você batesse na porta do meu quarto antes de entrar”.</p>
--	--

Quadro sobre os quatro elementos da Comunicação Não Violenta.
 Fonte: (Rosenberg, 2006).

Para que a CNV obtenha sucesso em ambos os lados da comunicação (comunicador e receptor), é necessário que a empatia seja exercitada por todos que fazem parte deste processo de comunicação. A empatia é entendida como a compreensão respeitosa do que os outros estão vivenciando. E de acordo com o dicionário Michaelis Online, a palavra empatia significa: “Habilidade de imaginar-se no lugar do outro; Compreensão dos sentimentos, desejos, ideias e ações de outrem; Qualquer ato de envolvimento emocional em relação a uma pessoa, a um grupo e a uma cultura” (Dicionário Michaelis Online, 2024). Não raro, muitas vezes, confundimos a ação de empatia com a necessidade de aconselhar ou encorajar para que aquela situação se resolva, com base nas nossas vivências e sentimentos, porém, a empatia requer que estejamos com a escuta atenta ao outro e não as nossas vivências ou inúmeras soluções que apareçam em nossa mente. De acordo com Rosenberg (2006), devemos prestar atenção nas observações, sentimentos, necessidades e pedidos, e, em seguida, podemos desejar repetir o que ouvimos, parafraseando o que compreendemos, gerando a oportunidade que os outros possam se expressar livremente antes que seja proposto soluções ou pedir por amparo. Precisamos sentir empatia para dar empatia (Rosenberg, 2006).

A mudança para uma comunicação mais empática deve começar por nós mesmos, pois como Rosenberg (2006) destaca: “Se mudarmos a nós mesmos, poderemos mudar o mundo, e essa mudança começará por nossa linguagem e nossos métodos de comunicação” (p. 16). Entendo que a CNV apresenta métodos de como transformar nossa comunicação com outras pessoas de forma mais leve, evitando abordagens violentas e com uma percepção completamente empática à situação.

É possível concluir que é um método eficaz para ser experienciado em sala de aula, pois isso tornará a convivência de professor e aluno mais próxima, proporcionando oportunidade para aumentar o vínculo que é tão importante, principalmente no período da Educação Infantil. A escuta ativa e de forma empática

de se comunicar com o outro, resultarão em um ambiente melhor para o convívio, tornando o aluno mais próximo de seus professores, mais aberto e receptivo para aprender ainda (Schimitt, 2023).

O grande objetivo da CNV é pacificar as relações e encontrar uma forma de atender às necessidades de todos os envolvidos na relação. Aprender a observar sem atrelar a julgamentos, identificar e expressar seus sentimentos, assumir a responsabilidade pelos menos, sabendo comunicar suas necessidades em relação aos outros é o caminho mais efetivo para uma comunicação empática e assertiva. Isso gera um espaço mais pacífico, menos conflituoso e mais equilibrado.

2.3 A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A escola, após o ambiente familiar, muitas vezes, é o primeiro meio de socialização das crianças, conforme já explicitado nesse trabalho. É nesse contexto que as crianças se deparam com relações sociais diversificadas e começam a entender como se dá a convivência, a partilha, as aprendizagens e os conflitos. Sendo o conflito algo inevitável durante a convivência, pela diversidade que o ambiente escolar proporciona, o manejo assertivo destas situações é de significativa importância para o processo de aprendizado e desenvolvimento pessoal.

Segundo Santos (2021), o ambiente escolar impulsiona muitas situações e relações de conflitos, principalmente pelas dificuldades encontradas na comunicação, pois, ainda há o uso de uma comunicação por vezes violenta (com gritos, ameaças, chantagens e julgamentos, por exemplo), que acabam gerando danos para a convivência harmoniosa. O conflito surge em situações sociais onde há o compartilhamento de espaços, atividades, normas e sistemas de poder, sendo a escola um desses locais (Santos, 2021).

Logo, se a escola é um ambiente onde a prática de trocas e de diálogo deve estar presente, espera-se que seja um lugar onde há escuta, compartilhamento de ideias, sentimentos e intenções e onde é (ou deveria ser) um lugar onde as crianças aprendem a ter essa troca com professores e colegas. A capacidade e a necessidade de uma comunicação assertiva e efetiva deve estar presente no ensino, para ser aprendido, valorizado e cultivado (Kalil, 2018). De acordo com Santos (2021), a escola, enquanto uma comunidade educativa, é um potente espaço para a

criação e fortalecimento de vínculos gerados a partir da escuta e diálogo, componentes fundamentais para uma boa comunicação (Santos, 2021).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) apresenta que o trabalho do professor também inclui refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade e situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. Marroche (2019), destaca que ao ingressar na Educação Infantil, a criança é exposta a um ambiente onde todos que trabalham no espaço escolar (professores, atendentes e funcionários) devem estar alinhados com atitudes e posicionamentos para proporcionar um espaço relacionado ao desenvolvimento integral das crianças. E elas, por sua vez, trazem os conhecimentos singulares, adquiridos na convivência com outros grupos sociais. Nesse sentido, a diversidade das linguagens expressas a estas crianças ao interagirem, podem levar a conflitos pelas prováveis diferenças entre regras e tomada de decisões, e, por isso, a importância de todos do ambiente escolar, principalmente o professor, saber mediar e apresentar diversas possibilidades para que possam se expressar e resolver as situações adversas através do diálogo (Marroche, 2019).

De acordo com Santos (2021), quando uma escola, ou professores, iniciam a prática da CNV, dá-se início a possibilidade de um processo de aprendizagem de uma nova forma de comunicação, com mais consciência e reflexão, onde haverá contribuição principalmente para a resolução de conflitos por meio do diálogo. Pois não rotular comportamentos, incentivar a busca por soluções coletivas, juntamente com a escuta com atenção e empatia, gera o incentivo da dispersão de uma nova cultura de convivência (Santos, 2021).

Stein (2020) ressalta o debate de dois pontos importantes de o porquê devemos trabalhar com as crianças a CNV. O primeiro, é justamente o reconhecimento e a nomeação dos seus sentimentos, pois, na maioria das vezes, as crianças não sabem o que é se sentir frustrado, aflito, enciumado, estressado, impaciente, raivoso, dentre outras sensações, só sabem que há algo que as incomoda, e isso, muitas vezes, acaba levando a atitudes descontroladas e brigas desnecessárias. Além disso, estes fatos, quando ignorados, podem levar a formação de pessoas que não conhecem a si mesmos, que por não conhecerem seus sentimentos, agem de forma impulsiva, levando a comunicações carregadas de falhas, violências e reatividades. O segundo ponto importante é o debate sobre as

formas de resolução de problemas e conflitos cotidianos. Geralmente somos estimulados a resolver nossos problemas sozinhos ao longo da vida, sem que haja um debate sobre quais as formas mais adequadas e eficazes para a resolução daquela situação, levando, geralmente, a escolha do caminho mais fácil, ou, ainda, pelo único caminho que foi aprendido: a violência. As crianças têm um ótimo aprendizado por observação e repetição dessa ação, logo, quando, por exemplo, em meio familiar, a resolução é feita a base de gritos, é muito provável que esta criança irá replicar estes comportamentos em outros lugares, principalmente, ao se deparar com desafios de convivência em sala de aula (Stein, 2020).

Muitas vezes presenciamos agressividade na Educação Infantil, através de chutes, gritos, socos, empurrões, insultos aos professores e colegas, entre outros comportamentos, e devemos analisar como uma possível linguagem específica pode estar sendo utilizada para comunicar os sentimentos, frustrações e desejos. Essa linguagem que talvez julgamos como agressiva, pode estar sendo utilizada com o intuito da criança ser percebida, chamar a atenção por algo que necessite, mesmo que tenha conhecimento de que não é a forma mais correta, porém, é a única que a criança pode ter sido exposta no seu ambiente familiar.

Marroche (2019) apresenta em seu trabalho o seguinte relato:

A pesquisadora conta que um aluno ao ir para secretaria por não se comportar direito na sala e bater nos colegas, professores, atendentes e estagiários frequentemente, relata a coordenação pedagógica: *Professora, meu pai bateu na minha irmã, e eu também*. E repreendido pela coordenadora, *que não pode bater e nem o pai pode*. O aluno então diz: *Meu pai pode bater, ele é grande, quando eu crescer vou bater nele (pai)*. Podemos perceber o quanto o ambiente familiar influencia no comportamento do aluno, e na forma como resolve seus conflitos na escola (p, 57) [grifo do autor].

Logo, faz sentido, que seja trabalhado desde cedo a nomeação, o reconhecimento e a exposição dos sentimentos, pois tal prática auxiliará as crianças a compreenderem a si mesmas. Do mesmo modo, possibilitar o debate consciente sobre a resolução de problemas, demonstrando a criança os benefícios para a resolução do conflito de forma não violenta, proporciona outra forma de ver e lidar com os conflitos cotidianos, lidando com as situações da vida de forma consciente e sensata.

2.4 A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA E A EDUCAÇÃO FÍSICA

A escola é um espaço de convivência, de diversidade e de conflitos causados, dentre outros fatores, pela própria adaptação que a socialização das crianças que ali estão presentes necessita. Durante o período que as crianças estão na escola é esperado que surjam alguns conflitos diariamente que são originados por causas diversas. De acordo com a BNCC:

Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos (2017, p. 40).

Durante a jornada escolar da Educação Básica, Schmitt (2020) apresenta que é neste contexto diverso que as crianças permanecem longo tempo, que aprendem diariamente a “organização” da sua vida social, cognitiva e motora. Logo, o professor no seu papel de participante do conflito, ora como mediador e ora como observador, acaba por ter a responsabilidade de buscar alternativas para resolver as situações de forma pontual com uma escuta atenta e afetiva (Schmitt, 2020).

As aulas de Educação Física na Educação Básica possuem conteúdos e objetivos próprios para auxiliar a desenvolver a criança na sociedade em diversos aspectos, tanto físicos quanto psicológicos, afetivos, culturais, morais ou sociais. Estas aulas são responsáveis por proporcionar vivências da cultura corporal de forma lúdica, atrativa e de forma prazerosa, o que acaba por desencadear uma série de emoções diversas, e estas, na maioria das vezes, ajudam a reforçar os laços de afetividade e de confiança entre professor e criança. Como as crianças ainda estão aprendendo a entender, nomear e lidar com suas emoções e sentimentos, muitas vezes, esse misto de sensações também pode levar a uma agitação no período em que ocorrem as aulas de Educação Física, levando a empurrões, quedas e gritos, que, muitas vezes, pode aparentar ser um ambiente “caótico” para quem está observando externamente.

Schmitt (2020) ressalta que a Educação Física abrange diversas características que possibilita a implementação de um trabalho que seja voltado para a resolução de conflitos através de vivências lúdicas, com jogos, dinâmicas e discussões dos conflitos cotidianos, fazendo com que, desde cedo, estas crianças exercitem o reconhecimento e a expressão positiva de suas emoções, a escuta ativa, o manejo da raiva e impulsividade, entre outras (Schmitt, 2020). Isto caminha com o que é previsto na BNCC (2017) para parte da Educação Básica, como apresento a seguir:

Objetivos de aprendizagens e desenvolvimento para crianças de 4 anos a 5 anos e 11 meses	
(EI03EO01)	Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.
(EI03EO04)	Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.
(EI03EO07)	Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos.
(EI03CG01)	Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.

Título: Objetivos de aprendizagens e desenvolvimento da Educação Básica (4 a 5 anos e 11 meses).
Fonte: (BNCC, 2017p. 45-47).

A utilização da CNV por parte dos professores auxilia na promoção de um ambiente de aprendizado melhor, pois os alunos se sentem mais à vontade e confiantes para expressar suas dúvidas, pensamentos e receios com a atividade proposta, melhora o vínculo afetivo, levando a um diálogo mais sincero, auxilia com resoluções de conflitos de forma construtiva com diálogo empático, ajuda a prevenir situações de bullying, pois possibilita aos alunos se expressarem de forma não violenta e reconhecerem as necessidades e os sentimentos dos outros, gerando um ambiente que melhora a inclusão e promove a igualdade.

A BNCC (2017) apresenta que nas últimas décadas tem se consolidado a ideia de que a Educação Infantil vincula as concepções de educar e de cuidar, logo, este cuidado seria algo inseparável do processo educativo. A escola possui o objetivo de ampliar as experiências, conhecimentos e habilidades, proporcionando diversidade e consolidando novas aprendizagens, de forma complementar a educação da família, para a socialização, autonomia e comunicação destas crianças (BNCC, 2017). Ao proporcionar um ambiente onde crianças possam brincar entre elas e com pessoas adultas, podemos observar e identificar expressões de afetos,

mediações de frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BNCC, 2017).

Algumas sugestões para como aplicar a CNV nas aulas, com enfoque para as aulas de Educação Física seriam:

- Evitar gritos ou alteração extrema da voz, pois geram ideia de cobrança e nestes momentos estamos expressando imposições, críticas, julgamentos e/ou ataques, e isso, não irá proporcionar momento de reflexão, apenas defesa automática da outra pessoa;

- Estimular o diálogo tanto de professor com a criança, quanto da criança com outra criança. Neste momento é importante que existe uma escuta ativa, investigações e indagações para que possa entender o que gerou o incômodo ou o conflito;

- Construir acordos nítidos, objetivos e simples, e que estes sejam feitos escutando sugestões vinda, principalmente, das crianças;

- Cultivar um ambiente com mais escuta e menos punições, para que as crianças se sintam à vontade para expressarem o que sentem sem medo.

De acordo com Rosemberg (2006):

À medida que a CNV substitui nossos velhos padrões de defesa, recuo ou ataque diante de julgamentos e críticas, vamos percebendo a nós e aos outros, assim como nossas intenções e relacionamentos, por um enfoque novo. A resistência, a postura defensiva e as reações violentas são minimizadas (p.14).

Nesse sentido, deixar de lado a comunicação agressiva e dar espaço para a CNV tende a diminuir reações violentas, e, alguns exemplos dessa troca efetiva serão apresentadas no quadro abaixo:

COMUNICAÇÃO AGRESSIVA	COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA
João, você nunca presta atenção em nenhuma explicação!	João, percebi que nas últimas aulas você estava um pouco distraído no momento da explicação e isso me deixa um pouco chateada. Você conseguiria me dizer o que eu poderia mudar para que você consiga prestar mais atenção?
João, você não faz nada nas aulas!	João, nas últimas aulas percebi que você não participou das atividades. Gostaria de fazer ou me ajudar a cuidar esta atividade?

João, você sempre me interrompe e nunca fica quieto!	João, eu gostaria que você esperasse eu terminar de falar para me dizer o que está pensando, tudo bem? Eu fico triste quando você me interrompe, pois parece que não estou sendo respeitada.
--	--

Quadro comparativo de comunicação agressiva e comunicação não violenta.

Fonte: quadro elaborado pela autora.

De acordo com Martins (2021), trabalhar com a CNV não é sinônimo de que não se possa dizer não e colocar limites, mas que isso pode ser feito de forma gentil, consciente e respeitosa. A CNV é um caminho para a educação para a paz que considera amorosa e respeitosamente as crianças como indivíduos completos, evita atitudes punitivas e depreciativas, ou seja, é um espaço de educação para a humanidade e procura auxiliar no desenvolvimento de personalidades não-violentas (Martins, 2021).

A partir disso, segundo Carvalho (2011) e Columa (2007), após a Segunda Guerra Mundial, a Educação do Século XX ganha notoriedade ao consagrar-se com teóricos que mudam as concepções das práticas pedagógicas, tendo em vista que a criança deve ser respeitada em seus sentimentos, que ela possui um desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. E, dentre outros parâmetros, que a educação é uma competência do Estado, com políticas educacionais adequadas à realidade de cada município. Cada lugar irá implementar programas e tratar com assuntos pertinentes a sua própria visão cultural. Isso faz com que o ensino da Educação Para a Paz seja diferente quanto à ideologia, ênfase, conteúdo, práticas e objetivos (Carvalho, 2011; Columa, 2007).

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica. Portanto visa analisar e correlacionar dados de pesquisas feitas e publicadas. De acordo com Marconi e Lakatos (2017), a pesquisa bibliográfica é um tipo específico de produção científica onde serão utilizados materiais com base em textos: livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos.

A escolha da abordagem desta pesquisa se deu no decorrer das minhas vivências nos Estágios de Docência do Curso de Licenciatura em Educação Física na UFRGS. Logo, junto a pesquisa bibliográfica, procurei fazer uma reflexão exploratória e descritiva sobre como o tema da pesquisa foi experienciado por mim, de algum modo, ao me deparar com alguns desafios neste período, ou seja, sobre como a temática da pesquisa foi vivenciada por mim nos Estágios de Docência. Dentre estes desafios destaco: o manejo das turmas destinadas à minha docência e a abordagem necessária para a resolução de conflitos que aconteciam entre alunos no decorrer das aulas do estágio.

Acredito que este estudo possa servir como auxílio para estudantes e profissionais da área que encontrem desafios similares no seu dia a dia, e isto ajude a expandir mais o conhecimento e a utilização da Comunicação Não Violenta no contexto da Educação Física Escolar.

3.2 PROCEDIMENTOS PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES

Para a reflexão exploratória deste Trabalho, onde descrevo a análise a docência vivida no Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, utilizei-me dos procedimentos que apresento a seguir.

3.2.1 Análise de Documentos

Os documentos utilizados e analisados para a reflexão exploratória sobre o tema da pesquisa, foram os procedimentos de avaliação produzidos por mim no

Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, a saber: Plano de Trabalho, Diário de Campo e Narrativa Docente

3.2.2 Diário de Campo

Durante o período em que estive na escola realizando o estágio, utilizei o Diário de Campo como forma de registro de todas as situações vividas, incluindo as dúvidas, dificuldades, desafios, sentimentos e aprendizagens decorrentes do processo de Estágio.

A utilização dessa ferramenta permitiu lembrar reflexões que existiram naquele período de vivências, refletir e relacionar com o tema deste trabalho e, assim, pensar em como minhas atitudes poderiam, ou não, ser diferentes, principalmente nas situações desafiadoras que experienciei e me motivaram a esta pesquisa.

Ressalto que não costumava escrever direto no caderno destinado ao diário, assim, eu andava sempre com um bloco de anotações e uma caneta que eram guardados em meu bolso, para que eu pudesse anotar imediatamente situações, sentimentos, frases ou palavras chaves que fossem me remeter ao episódio vivido, pois preferia dedicar o máximo de atenção ao momento em aula e/ou observação das crianças. Com estas anotações rápidas eu conseguia fazer reflexões mais profundas de todas situações em um ambiente mais calmo e posterior ao momento com a turma. O método de fazer essas anotações rápidas, fazia com que diminuíssem as chances de eu esquecer ou não conseguir anotar algum elemento do momento, mesmo quando estava participando de alguma atividade por convite da professora de sala de aula, ou em meio a alguma atividade que eu mesma havia proposto.

3.2.3 Narrativa Docente

A Narrativa Docente que escrevi no Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, foi uma das etapas de avaliação proposta aos estagiários. Foi produzida ao final do semestre com intuito de fazer uma narrativa sobre um tema que o estudante achou mais interessantes durante o estágio, por exemplo, os desafios vividos ou observados, no âmbito de planejamento de aulas, manejo de

turma, ou, até mesmo, situações específicas com alguma criança da turma. O grande objetivo é discorrer sobre um assunto que tenha sido marcante na sua trajetória como professor.

A minha Narrativa Docente tratou sobre a importância da afinidade e da rotina para as crianças da Educação Infantil. A motivação para a escrita com este tema foram as inúmeras mudanças que a turma que eu estava responsável passou durante estes meses, pois a professora desta turma foi desligada da escola enquanto eu ainda estava conhecendo e construindo meu vínculo afetivo com a turma. Após sua saída, a turma passou por algumas alterações: professoras temporárias e divisão da turma para incluir as crianças em outras turmas para acompanhar as aulas. Por diversas vezes não consegui reunir minha turma para por em prática meu planejamento e isto afetou diretamente o desenvolvimento e a consolidação do vínculo afetivo que estávamos criando.

Nesse sentido que apresento na minha Narrativa informações do quanto a rotina e a afetividade são questões importantes para o desenvolvimento, sensação de segurança e comportamento da turma, pois, na prática, pude vivenciar o quanto essas mudanças impactaram, de certo modo desafiador, o comportamento da turma como um todo. Tratarei mais adiante neste trabalho sobre isso.

4 PROCESSO DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Após a obtenção de informações, partirei para a fase de discussão dos resultados onde apresentarei o que foi identificado a partir da revisão de literatura e das análises da minha experiência de estágio.

Ao longo da análise construí categorias de forma a apresentar argumentos e interpretações que permitam compreender o problema de pesquisa e os objetivos propostos.

4.1 O VÍNCULO AFETIVO, A ROTINA ESCOLAR E OS CONFLITOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Como já foram citadas algumas vezes no decorrer deste trabalho, sabemos que a escola é o primeiro meio socializador das crianças, após o meio familiar. Esta mudança, muitas vezes, é um significativo desafio para a criança, pois ela "perde", momentaneamente, as pessoas de referência do seu convívio diário, e é colocada em um ambiente com regras novas, culturas diferentes e, muito provavelmente, uma comunicação a qual não está habituada. A partir da inclusão da criança neste novo ciclo social, há um processo de adaptação desta com as demais, além da adaptação dela com o adulto presente na sala de aula, seu professor.

Assim como foi descrito no tópico 2.1, quando crianças e professoras conseguem construir uma relação de afeto e de confiança, estas crianças tendem a se sentir mais seguras e acolhidas no novo ambiente, o que ocasiona no bem-estar para encarar estes novos desafios de socialização, pois o acolhimento no trato entre crianças e professoras facilita o processo de adaptação e o processo educativo em si.

E como já foi citado no tópico supracitado, Biscarra (2012), apresenta que uma educação sem afetividade torna a aprendizagem um processo sem significação, o que pode gerar uma desmotivação, à inquietude e ao aborrecimento da criança. Geralmente, o resultado desta falta de afetividade acaba por ocasionar indisciplina escolar que nem sempre é compreendida por estes fatores (Biscarra, 2012).

Um dos procedimentos para obtenção da informação que utilizei para análises e reflexões deste trabalho foi a Narrativa Docente, produzida ao final do período de

Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, em 2023. A narrativa que intitulei como: “A importância da afetividade e da rotina no processo de aprendizado na educação infantil”, tinha como objetivo apresentar as vivências que marcaram meu processo de experiência como docente neste período, e que me levaram a construir novas aprendizagens e reflexões. Após reflexões sobre o relatos e informações presentes na narrativa percebi o quanto a afetividade e a rotina estão relacionadas a muitos dos conflitos que presenciei no período de Estágio Docente.

Ao iniciar o contato com a turma, um primeiro momento foi destinado a observação e aproximação, e um segundo de implementação dos planos de aula, esta estava com uma professora referência (que será chamada de Aline, sendo este, nome fictício). Esta professora me acolheu e gentilmente me passou um panorama geral e detalhado da turma e de cada criança. Senti um olhar atento, carinhoso e cuidadoso por parte dela. As crianças eram bastante apegadas a ela, o que facilitou a minha chegada na turma, pois ela fez toda a intermediação e me incluiu em todas as atividades possíveis, sutilmente.

O Diário de Campo foi outro procedimento que utilizei para registro de atividades, aprendizagens, sentimentos e reflexões no meu período de estágio. Como eu não costumava fazer anotações diretamente no Diário de Campo, e sim, em um caderno de anotações, no início do contato com as crianças elas constantemente se dirigiam a mim para perguntar o que eu estava anotando no meu caderninho, e eu sempre explicava que, assim como elas possuíam uma professora para a sala, e eu para a Educação Física, eu também possuía meu caderno para mostrar para a minha professora. Isso deixava elas sempre muito curiosas para saber quem era a minha professora e em como eu, uma adulta, também tinha uma professora. De algum modo, sentia que essa curiosidade nos aproximava e, aos poucos, elas foram se acostumando em me ver fazendo anotações e, por vezes, ofereciam sua ajuda, me dizendo o que as outras crianças da turma estavam fazendo, ou o que havia acontecido nos momentos que eu não estava com eles. Essa aproximação foi muito benéfica para começarmos a criar nosso laço de afetividade desenvolvido ao longo do período presente na escola com a turma.

A primeira atividade, após minha apresentação, que fui incluída como participante, foi o que era chamado de “Hora da rodinha”. Este momento era iniciado após o café da manhã e consistia em todas as crianças sentadas no chão, em roda, onde primeiramente era cantado uma música (especial para este momento) e após

esta música, a professora Aline iniciava contando como havia sido seu dia após sair da escola, compartilhava ações e sentimentos, até o momento de estar na escola novamente junto a turma. Após sua fala, ela chamava cada criança pelo nome, na ordem que haviam escolhido se sentar, e perguntava se gostariam de trazer algum relato/desabafo para a turma. A grande maioria relatava algo, desde o que fizeram, (por exemplo, fui em uma pizzaria, assisti filme com meu pai), quanto o que sentiram (por exemplo, senti medo a noite por causa de um barulho, estava “louco” pra vir pra aula, dentre outros). Do mesmo modo, havia alguns relatos fantasiosos (por exemplo, fui na pracinha perto de casa e brinquei com o homem aranha).

No primeiro dia que fui chamada para compartilhar algo, admito que fiquei muito nervosa, pois não sabia o que falar para as crianças, então, eu apenas falei que estava muito feliz em estar conhecendo todas elas. Em um segundo dia, narrei coisas da minha rotina, cansaço de estudos e mencionei que estava com saudade da turma e ansiosa pelo reencontro com as crianças, e a turma toda respondeu, de uma forma até um tanto inquieta e eufórica, que também estava com saudades. Nesse instante, fui percebendo o quão importante era aquele momento - que depois fui aprender que seria parte da rotina da manhã - e que não era uma atividade escolhida arbitrariamente pela professora. Aquele momento era a construção de um ambiente seguro e com uma escuta atenta de todas as crianças, onde elas se sentiam acolhidas, escutadas, seguras e sabiam que não seriam julgadas pelos seus relatos. Ao compartilhar meu entendimento da atividade com a professora Aline, ela me contou que inúmeros relatos já haviam sido feitos, inclusive de violência doméstica, o qual as crianças contavam sem entender a gravidade do que estavam dizendo, mas, mesmo assim, se sentiam seguras para contar, mesmo tristes, ou até mesmo, assustadas.

Neste sentido, Melo e Rubio (2013), ressaltam que a afetividade não se limita a apenas carinho físico, pois, muitas vezes, se dá em forma de elogios, o ouvir com atenção e dar importância a falas, ideias, corporeidade de quem comunica, e, em se tratando de crianças, manifestando acolhimento e escuta as falas fantasiosas. E ainda, que a relação interpessoal positiva que a criança constrói com a professora, como aceitação, escuta ativa e apoio, possibilita o sucesso do ambiente educacional e dos objetivos educativos (Melo; Rubio, 2013).

A partir desse momento, que me dei conta, da importância da “Hora da rodinha”, e inspirada por essa experiência, passei a adotá-la ao final das aulas de

Educação Física que ministrei. Assim, quando a última atividade era encerrada, reunia toda a turma no centro do espaço que estávamos, sentávamos todos no chão, e, nesse momento, perguntava a turma se alguém gostaria de compartilhar como estava se sentindo depois das atividades, qual mais gostou, se teve alguma que não gostou e se houve algum conflito durante a atividade que não foi resolvido ou entendido. Na grande maioria das vezes, as crianças gostavam de participar e relatar “empurrões e encontrões” que aconteciam nas corridas, e, assim, todas as partes do conflito existente. Ainda nesses momentos, as crianças falavam como se sentiam e porque aconteceu tal cena, e geralmente, conseguíamos resolver o ocorrido neste momento final.

Ao ler o meu Diário de Campo do estágio, percebi que a turma que eu estava acompanhando tinha uma rotina bem determinada no período da manhã, com a professora Aline, sendo: chegar na sala de aula e organizar para ficar em sua cadeira conversando com os colegas, até o momento de se deslocar para o lanche (geralmente tinham em torno de vinte minutos para conversarem e se organizarem para o deslocamento para o refeitório). Quando todos já haviam retornado do lanche, a professora Aline chamava para a parte que havia os tatames no chão e iniciava a Hora da Rodinha, após o término tinham um momento breve para brincar com alguns brinquedos disponíveis na sala. Após, começavam a guardar esses brinquedos e nos organizávamos para iniciar a conversa de como seria a aula de Educação Física, avisar em qual ambiente da escola seria naquele dia (pois de acordo com o rodízio feito entre os estagiários, poderia ser em sala de aula, pátio grande com brinquedos, pátio pequeno sem brinquedos, brinquedoteca ou grama sintética), e relembra a eles quais eram as combinações para que a aula acontecesse de uma forma tranquila e agradável para todo mundo. As combinações eram: Escutar quando alguém estivesse falando; Prestar atenção nas explicações; Não empurrar/brigar/machucar o colega. Após este momento, nos deslocávamos para o ambiente destinado a aula de Educação Física. Tive a necessidade de implementar essas combinações desde a primeira aula, pois desde o momento de observação da turma, percebi que se tratava de uma turma muito enérgica e que uma criança em especial (que chamarei de André, nome fictício) possuía comportamento mais “truculento”, onde por exemplo, pegava brinquedos das mãos de outros colegas, empurrava quando queria passar e gritava com outros colegas caso fosse contrariado. E, durante as aulas de Educação Física, ele sempre foi meu

maior desafio quando se tratava de comportamento, pois nos conflitos de uma atividade de corrida, por exemplo, alguma criança acabava saindo chorando, ou o André não cumpria as regras para aquela atividade, o que em geral, ocasionava um grande desgaste no decorrer das aulas e me gerava um sentimento de frustração, pois nos primeiros momentos, minha primeira reação era sempre me impor através de uma voz alterada, como “pára, não empurra, chega André!”.

A seguir, apresento alguns trechos do meu Diário de Campo referente a momentos desafiadores com o André e seu comportamento:

Em um dia chuvoso, foram feitas propostas para aula de Educação Física em sala de aula. Alunos muito agitados para um ambiente pequeno, porém era a opção que tinha no momento. A turma parecia bem agitada, foi bem difícil e cansativo manter o andamento da aula minimamente ordenado. O André estava bem difícil de lidar pois empurrava e criava bastante conflitos entre os colegas, gerando choros e reclamações (Diário de Campo - Relato da aula dia 15/06/23).

A atividade proposta ocorreu bem, apesar de novamente ter dificuldades em lidar com os empurrões e o fato do André não seguir as regras propostas, o que acaba tumultuando a aula e agitando mais a turma (Diário de Campo - Relato da aula dia 20/06/23).

Ao finalizarmos a aula do dia 20/06/23, voltamos para a sala e após me despedir dos alunos, conversei com a professora Aline sobre o comportamento do André e o relato dela foi o seguinte:

O André é um pouco complicado mesmo. Ele é um aluno muito carinhoso, que nos abraça, beija e conversa, mas ao mesmo tempo, tem atitudes mais “violentas” onde quer resolver tudo na base da força e do grito. Eu já tentei várias abordagens com ele, desde ser autoritária, com gritos e “punições” em brincadeiras, até dar mais atenção e ser amorosa. Tudo funciona no início, mas depois de um tempo, parece que algo acontece em casa e ele volta muito diferente para a sala de aula. Sinto que essas atitudes dele são um pedido de socorro a algo que ele não sabe como lidar. Ele não entende o que acontece, não processa bem os sentimentos e isso acaba comprometendo o comportamento em sala de aula. Ele foi abandonado pela mãe, vive com a avó e raramente vê o pai. Sei que essas atitudes também são resultados de carência e falta de atenção, mas é complicado pois tenho mais 20 alunos para dividir a atenção (Diário de Campo - Relato da aula dia 20/06/23) [grifos meus].

Entendi na prática como o contexto familiar pode influenciar diretamente no comportamento da criança em outros ambientes socializadores, como a escola, pois diante dos diferentes perfis de crianças da turma, conseguíamos ter um olhar mais sensível para algumas situações, como o André.

Após esta conversa com a Professora Aline, refleti muito sobre minha atitude como professora e decidi tentar evitar gritos no decorrer das aulas, principalmente com o André. Minha estratégia passou a ser que no meio da atividade, quando houvesse algum conflito, algum empurrão ou xingamento (de qualquer criança), eu o chamava para perto de mim e perguntava o que tinha acontecido e porque havia feito aquilo, se achava aquela atitude era a correta, se estava triste com a atividade ou o que mais estava sentindo. Quando eram casos de empurrões recíprocos, chamava as duas crianças para que ambas me dessem suas versões e ali mesmo, ao expor uma para a outra, geralmente a situação se resolvia. Em alguns momentos, isso não era o suficiente e a atitude de empurrar e acabar machucando o colega acabava se repetindo. Quando isto acontecia, eu pedia para que a(s) criança(s) ficasse ao meu lado por uns minutos, não sentado, mas me ajudando de outra forma no decorrer da brincadeira (como juiz, por exemplo), pois diminuindo um pouco aquela euforia, os conflitos diminuía. Essa mudança foi gradual, pois, meu primeiro instinto ainda era de gritar, chamar atenção e querer tirar da brincadeira para que os conflitos acabassem e a brincadeira pudesse seguir em paz. Aos poucos, o André foi melhorando e diminuindo principalmente as atitudes de empurrões. Conseguíamos ter uma conversa sobre as atitudes e eu fazia muita questão de a cada término da aula, no momento de perguntar como eles estavam se sentindo, o que haviam gostado ou não da aula, de frisar como eu estava me sentindo também. Apresento alguns relatos presentes no meu Diário de Campo destes momentos:

Ao voltarmos para a sala com a turma toda, tivemos nosso momento da rodinha para o feedback deles da aula, retomei as regras que já havíamos conversado em aula e combinados em conjunto. Expus que estava muito triste e cansada no final da aula de hoje, pois houveram muitos conflitos, não obediência de regras das brincadeiras e muitos empurrões e machucados, e isso fazia com que, às vezes, eu acabasse gritando com eles, e isso era algo que eu não gostava que acontecesse. Disse a eles que confiava muito neles e sabia que na próxima aula eles não iriam repetir estas atitudes, pois sabia que gostavam da aula e não queriam que eu ficasse gritando e interrompendo a brincadeira a todo momento (Diário de Campo - Relato Aula 20/06/23)

Ao final da aula, no nosso momento de conversa, expressei que estava muito feliz após a aula de hoje. Que felizmente tudo havia ocorrido bem, que todos estavam de parabéns pelo comportamento e agradei ao André pela ajuda em montar a aula e demonstrar a atividade quando eu pedi, que ele estava de parabéns! (Diário de Campo - Relato aula 22/06/23).

O convívio com a turma, nossa troca e aprimoramento com vínculo de afetividade e segurança estava evoluindo bem. Estávamos conseguindo melhorar nossa comunicação e atitudes. Porém, a partir do dia 04/07, houveram mudanças significativas, pois a Professora Aline foi desligada da escola, sem informações do porquê. Neste dia, quando cheguei, a turma já havia sido dividida para acompanhar a aula com as outras turmas, não consegui reunir minha turma para ministrar a aula planejada, tive que escolher uma outra turma para acompanhar e auxiliar meus colegas. Na aula seguinte, dia 06/07, a uma professora designada pela escola para ser responsável pela turma se juntou a mim no horário da aula de Educação Física, então pude reunir toda a minha turma. Foi uma aula extremamente desgastante, pois a turma já parecia outra em relação ao seu comportamento! A falta da rotina, da Professora Aline e a presença da professora designada (que tinha uma postura mais autoritária) mexeu muito com o comportamento das crianças. Segue relato presente no Diário de Campo deste dia:

No dia 06/07, consegui reunir a turma para dar aula planejada. Fomos para a grama sintética e a aula foi simplesmente o caos. Muitas brigas, choros, agitação e eles não paravam para me ouvir. Em especial o André que estava impossível, chamei a atenção dele e conversei sobre algumas atitudes de machucar os colegas e não ouvir quando eu estava explicando as atividades. Inclusive a professora responsável designada pela escola logo após se impôs, gritou e xingou o André, solicitando que ele ficasse quieto, sentado ao lado dela, sem participar das brincadeiras. Confesso que diante da atitude dela, eu simplesmente não tive reação no momento. Os gritos e xingamentos claramente não adiantaram em nada, pois após um tempo eu chamei ele para voltar as atividades, ele continuou com os mesmos problemas anteriores (Diário de Campo - Relato aula 06/07/23).

Devemos sempre ter um olhar gentil, empático e atencioso com as crianças, pois como já apresentei no decorrer deste trabalho, muitas vezes presenciemos a agressividade, através de chutes, gritos, socos, empurrões, insultos aos professores e colegas, entre outros comportamentos, e devemos analisar como uma possível linguagem específica pode estar sendo utilizada para comunicar os sentimentos, frustrações e desejos. Essa linguagem que talvez julgamos como agressiva, pode estar sendo utilizada com o intuito da criança ser percebida, chamar a atenção por algo que necessite, mesmo que tenha conhecimento de que não é a forma mais correta, porém, é a única que a criança pode ter sido exposta no seu ambiente familiar ou consegue manifestar naquele momento.

Obervemos a rotina da turma nos dias subsequentes:

- No dia 11/07, a turma estava com uma professora temporária;
- Dia 13/07 não houve aula por motivos climáticos (previsão de ciclone extratropical com temporal intenso);
- No dia 18/07 a turma foi dividida novamente por falta de professora;
- No dia 20/07 houve formação pedagógica, seguido do recesso de inverno e retornamos apenas dia 01/08.

Esta sequência de dias longe da turma, mudança de professoras e principalmente mudança de rotina (pois a turma agora ficava bastante tempo em brincadeiras livres, sem momentos importantes da rotina como a Hora da Rodinha e em dias eventuais ainda era dividida em outras turmas por falta de professora, não seguindo a rotina habitual), teve um impacto muito grande no comportamento da turma. O vínculo que estávamos construindo foi nitidamente afetado, as crianças pareciam mais retraídas, agitadas e distantes de mim. Bilória e Metzner (2013) destacam que a rotina também pode ser considerada uma forma de assegurar a tranquilidade do ambiente e da criança, pois as repetições das ações sinalizam a elas cada situação do dia, trazendo estabilidade e segurança, diminuindo ansiedades (Bilória e Metzner, 2013). E Silva (2001) aponta a importância do professor em relação a sensação de segurança das crianças, favorecendo um ambiente de aprendizado tranquilo quando há afetividade presente no momento de aula, seja pela postura do professor, pela dinâmica de seu trabalho ou nas interações entre os indivíduos (Silva, 2001).

Nos dias em que a turma acabava sendo dividida novamente por organização e demanda de professoras da escola, eu sempre fiz questão de passar em todas as turmas que haviam crianças da minha turma para dar um bom dia, um abraço e saber como estavam, com esperança de manter nosso vínculo e uma boa troca. Esta pequena atitude não foi o bastante para mantermos nosso vínculo evoluindo na mesma medida que estávamos, mas de alguma maneira, aparentemente, ajudou a manter parte da segurança e do afeto que sentiam comigo. Percebi isto na aula do dia 10/08, quando uma das crianças da minha turma (chamarei de Bruna), que estava inserida em outra turma naquele dia, no meio da atividade da aula de Educação Física, parou de brincar, no meio da quadra, e, ao perceber isto, me dirigi até ela. A Bruna estava com um ar assustado e com os olhos aparentemente cheios de lágrimas. Ela então, me olhou e pediu pela sua mãe. Minha reação foi explicar

que no momento não poderia ver sua mãe, mas se ela quisesse um abraço meu, eu poderia dar a ela. A Bruna então estendeu os braços e ficamos alguns minutos abraçadas até ela retomar a calma e voltar para as atividades propostas. Ao refletir sobre essa cena, cheguei à conclusão de que a atitude da Bruna foi provavelmente devido a série de mudanças que estavam acontecendo no ambiente escolar e eu, naquele momento, me tornei o ponto de referência e segurança para ela.

O ato de educar nunca será apenas o repasse de informações e de conhecimentos, o desenvolvimento humano não acontece somente relacionado aos aspectos cognitivos, mas principalmente aos aspectos afetivos. Amorim e Navarro (2012) ressaltam que a afetividade é necessária para a formação de pessoas felizes, seguras e capazes de conviver com o mundo que a rodeia, sendo de extrema importância para as associações pedagógicas, proporcionando vínculos extremamente importantes, principalmente quando falamos de Educação Infantil. Nesse sentido é possível afirmar que as instituições de ensino que não possuem uma rotina adequada acabam por dificultar a adaptação, bem estar e autonomia das crianças.

4.2 A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA E A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No decorrer deste trabalho vimos por diversas vezes o quão o ambiente escolar é importante como primeiro meio socializador das crianças e para que isso aconteça de forma positiva e tranquila, é fundamental que a criança se sinta acolhida e segura neste novo meio que esta se inserindo.

Santos (2021) ressalta que a escola, enquanto uma comunidade educativa, é um potente espaço para a criação e fortalecimento de vínculos gerados a partir da escuta e diálogo, que são componentes fundamentais para uma boa comunicação (Santos, 2021), facilitando a aproximação e interação das crianças com este novo meio que passam a frequentar.

Durante o período que estava presente na escola que realizei o Estágio de Docência na Educação Infantil, era comum presenciar em momentos diversos, gritos com imposições seguido de punições para algumas crianças por gerarem algum tipo de conflito naquele ambiente. Assim como foi citado no relato da página 33, referente a aula do dia 06/07, sobre a tentativa de resolver o conflito que estava

acontecendo na aula de Educação Física, através de imposições e alterações no tom de voz, que, contudo, não houve êxito.

Trabalhar uma comunicação menos impositiva e autoritária nem sempre é fácil, ainda mais quando temos uma turma com aproximadamente 20 crianças, as quais ainda estão aprendendo a entender seus mistos de emoções e ter sua autonomia para resolver questões do dia a dia, sem ter que usar do recurso da força. Eu mesma, por diversas vezes em aula, usei do recurso de gritos para tentar administrar alguma situação de conflito ou ter a atenção da turma, mas, ao longo do período de estágio, tentei achar alternativas para melhorar a minha comunicação com a turma, principalmente nestas situações, pois queria que as crianças se sentissem seguras e acolhidas por mim, e não com medo dos meus gritos.

Durante o período que estava acompanhando a turma, reparei que devido o aluno André ser o maior “causador” de conflitos, por, muitas vezes, as outras crianças queriam excluí-lo de algumas atividades feitas em pequenos grupos. Diante desta observação, adaptei o plano de trabalho que havia pensado para a turma e agreguei, em grande parte das aulas, atividades cooperativas, para que a turma tivesse atitudes que proporcionasse mais união e diminuição das ações excludentes. Entre as atividades propostas, as que as crianças mais gostavam era a do “Coelho sai da toca” e a “Dança das Cadeiras”, ambas adaptadas para o modo cooperativo, onde quando fosse o momento sinalizado na brincadeira (parar a música ou falar “coelho sai da toca”), todos procurassem uma toca (ou cadeira) que poderia (e deveria) ser dividida com outro colega. Sendo o objetivo maior, que todas as crianças conseguissem achar um lugar para ficar no menor tempo possível. Nesse sentido, a cada rodada era diminuído o número de cadeiras/tocas disponíveis, então elas se uniam, chamando os colegas onde havia espaço, ao invés de empurrar o colega para sair de onde queriam ficar.

Outra atividade que foi proposta com intuito de melhorar a comunicação e a união entre as crianças foi a brincadeira de "Terra-Mar", que, inicialmente 3 crianças ficavam no centro da quadra e quando eu gritava Terra (ou Mar), as outras crianças deveriam cruzar a quadra evitando serem pegas, e, as que fossem pegas deveriam se juntar as primeiras 3 no centro da quadra para pegar na próxima rodada, e, assim, continuava a atividade até que todas fossem pegas. Em determinado momento desta brincadeira, as crianças precisavam se unir, conversarem entre si para criarem estratégias para conseguir pegar aquelas muito ágeis, então, isso

incentivava com que a turma tivesse uma comunicação para união ao invés de exclusão.

A Comunicação Não Violenta é uma abordagem de comunicação que tem como objetivo a resolução de conflitos e o aprimoramento de relações interpessoais, evitando abordagens agressivas, exercitando as habilidades da fala e escuta, possibilitando a conexão e autoconhecimento e tendo percepção do que se pensa, fala e escuta, proporcionando, assim, uma comunicação respeitosa e empática, e um ótimo recurso para resolução de conflitos.

Apresento novamente que Stein (2020) ressalta dois pontos importantes de o porquê devemos trabalhar com as crianças a CNV. Primeiramente, pelo reconhecimento e a nomeação dos seus sentimentos, pois, na maioria das vezes, as crianças ainda não reconhecem e não sabem como reagir a sentimento de frustração, aflição, ciúmes, estresse, impaciência, raiva, dentre outros. Elas em geral, só percebem que algo as incomoda, o que muitas vezes leva a atitudes descontroladas e brigas desnecessárias. É de extrema importância que isso não seja ignorado, pois isso poderá levar a formação, posteriormente, de adultos que não conhecem a si mesmos, e que por não conhecerem seus sentimentos, agem de forma impulsiva, levando a uma comunicação violenta e reativa. E o segundo ponto, é demonstrar que há muitas formas de resolução de problemas e conflitos cotidianos. Pois as crianças têm um ótimo aprendizado por observação e repetição dessa ação, logo, se em meio familiar (ou neste caso, escolar) a resolução é feita por meio de gritos, imposições e formas violentas, essas atitudes serão replicadas em meio a sala de aula também, caso não tenham contato com nenhuma outra maneira de resolver seus problemas (Stein, 2020).

As aulas de Educação Física na Educação Infantil têm dentre seus objetivos, auxiliar a desenvolver a criança na sociedade em diversos aspectos, tanto físicos quanto psicológicos, afetivos, culturais, morais ou sociais. As aulas que, muitas vezes, contam com o recurso da ludicidade, tendem a ser atrativas e prazerosas, acabam despertando emoções diversas nas crianças, e como elas ainda estão no processo de aprendizagem para entender, nomear e lidar com suas emoções e sentimentos, esses mistos de emoções despertadas podem resultar em agitação e euforia, que acaba por favorecer os momentos de conflitos relacionados a empurrões, encontrões, quedas e gritos.

O momento das aulas de Educação Física geralmente são momentos propícios para que conflitos aconteçam, resultantes do contato físico e da euforia das crianças. Neste sentido, devemos entender a importância e a oportunidade deste momento para conseguir implementar um trabalho voltado para a resolução de conflitos através dos métodos que estão a nossa disposição, como vivências lúdicas e dinâmicas que possam gerar discussões e reflexões sobre atitudes e conflitos cotidianos. Estimulando com que estas crianças reconheçam suas emoções, como a raiva e a impulsividade, percebendo como manejá-las. Esta troca se torna muito mais fácil quando proporcionamos um ambiente seguro e acolhedor, onde elas conseguem perceber que estão sendo escutadas realmente. Quando estimulamos a resolução de conflitos através do diálogo, é importante que haja um momento para que as próprias crianças tentem exercitar isto e tentem resolver seus próprios conflitos, sem que seja necessário a intervenção ou mediação da professora, ao menos no primeiro momento.

Destaco o exemplo presente no relato do Diário de Campo, onde as crianças estavam em um momento de brincadeira livre em sala de aula:

No dia 06/06, quando a turma estava em um momento breve de brinquedo livre, fui ajudar um grupo a montar uma pista de carrinhos. Após a montagem do que era possível, as crianças começaram a brincar na pista, e foi o momento que começaram os conflitos, pois haviam 2 pistas para aproximadamente 6 crianças. Primeiro, observei como elas iriam resolver aquela questão e o revezamento, mas logo precisei intervir, pois o André não estava respeitando as regras que o próprio grupo havia determinado, e então já estavam começando com gritos, reclamações e empurrões. Meu primeiro pensamento foi: "Vou tirar o André da brincadeira, pois ele que está atrapalhando". Mas decidi fazer diferente e usar da estratégia que já era conhecida: a rodinha. Então, pedi para que parassem a brincadeira, me sentei no chão, fiz uma pequena rodinha com todos que queriam brincar nas pistas e pedi para que me escutassem. Perguntei se todos estavam conseguindo brincar nas pistas, e 3 crianças falaram que não e que estavam tristes e bravas porque o André empurrava e deitava em cima das pistas. Perguntei ao André porque ele estava tendo aquela atitude, e ele expôs que era porque queria muito brincar com aquele brinquedo. Pedi que falassem rapidinho como acham que poderiam solucionar aquele problema, pois todos ali queriam brincar de forma justa. A sugestão que todos concordaram foi: Disputa de 2 a 2, o que lançasse o carrinho mais longe poderia lançar novamente e o outro daria a chance para outro colega lançar. O colega que "saiu" ficaria de juiz para determinar quem havia ido mais longe, e, assim, eles seguiriam a brincadeira se revezando. Após eles chegarem a esta conclusão, eu falei que caso as regras que eles mesmos definiram não fossem cumpridas por eles, infelizmente eu teria que desmontar aquelas pistas, pois era um momento para que todos pudessem desfrutar e ficar felizes. Felizmente, nos minutos que decorreram da brincadeira, eles conseguiram se organizar com o combinado, sem que eu precisasse intervir ou agir de forma "punitiva" (retirando quem não se

comporta ou até mesmo o brinquedo) ou autoritária (através de gritos de repreensão) (Relato Diário de Campo, aula dia 06/06/23)

Durante algum conflito em aula é importante evitar gritos ou uma grande alteração da voz, pois geralmente isto leva a uma ideia de cobrança, imposições, críticas e julgamentos, e isso não irá proporcionar um momento de reflexão, apenas defesa (ou irritação) por parte da criança. Seguindo a lógica inicial da CNV, é necessário entender o que está acontecendo naquele conflito e o que isso causa em você (pessoa adulta), para, a partir disto, procurar a criança e expressar sua visão e sentimentos daquele acontecimento. Ou seja, tentar uma conexão com ela a partir de uma escuta atenta e empática, e, ao mesmo tempo, com indagações e investigações para entender o que aquele conflito causou nela, como ela vê o acontecimento, o que isso desperta nela e como você (ou a(s) outra(s) criança(s) e pessoas adultas) poderia auxiliar para que este conflito não ocorra mais, ou para que o desconforto dela diminua, não gerando mais conflitos. A partir disto, se expressar honestamente para a criança, sobre seus sentimentos, e o que considera importante do seu ponto de vista que ela faça (ou deixe de fazer) naquela situação, sendo um pedido nítido, de acordo com o diálogo e sugestões para construir juntos acordos simples, objetivos e estimular o diálogo, para que no decorrer das aulas a situação de início não se repita. Deste modo, o professor estará cultivando um ambiente com mais escuta e menos punições, e as crianças se sentirão mais à vontade para expressarem o que sentem sem medo.

Neste sentido, acredito ser importante retomar o quadro que apresentado no tópico 2.4, página 23, onde cita exemplos de uma comunicação agressiva e o uso da CNV na prática.

Nesse sentido, a necessidade de se ter uma comunicação assertiva e efetiva deve estar presente no ensino, para ser aprendido (como uma nova alternativa para resolução de problemas), valorizado e cultivado (para além do ambiente escolar). Entendo que quando professores optam por incrementar a prática da CNV, se dá o início de uma aprendizagem para um novo processo de comunicação, aumenta a relação de segurança entre professor e crianças, proporcionando também, um ambiente reflexivo, pacífico e acolhedor, contribuindo para a resolução de conflitos por meio do diálogo, escuta ativa e empática.

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Ao iniciar as Considerações Transitórias deste trabalho, acredito ser importante destacar a ideia principal que me motivou a escrevê-lo: meu desafio ao lidar com conflitos em sala de aula no período de Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil.

No início deste período de estágio, ao me deparar com os conflitos, minha primeira reação era sempre ser autoritária, com gritos, chamada de atenção e retiradas da brincadeira das crianças envolvidas nos conflitos. No decorrer das aulas, eu não estava satisfeita com esta postura que eu estava tendo, pois isso não me aproximava das crianças e dificultava que desenvolvesse o vínculo de afinidade e confiança entre eu e eles, que é algo de extrema importância, principalmente neste período de desenvolvimento da criança, como vimos no decorrer deste trabalho.

No decorrer da minha jornada como estudante do ensino fundamental e médio, as lembranças que tenho são sempre de professores autoritários e punitivos, e isso sempre me deixou desconfortável, pois não havia comunicação efetiva com meus professores, sempre foram ordens e minhas atitudes com medo de represálias. Por ter esse tipo de memória como referência, no meu início de jornada como docente, foi difícil expandir meus pensamentos e mudar minha forma de agir, para não replicar estes comportamentos e atitudes que tanto me geravam desconforto, tanto na minha jornada como estudante, quanto também na jornada de docente a frente de uma turma.

Ao me deparar com a Comunicação Não Violenta, percebi uma oportunidade de resolver os conflitos existentes com outro olhar, deixando o autoritarismo de lado e proporcionando um ambiente acolhedor, com escuta e empatia. Percebi, assim, que para conseguir entender o que gera um conflito, é necessário, antes mesmo de ouvir justificativas do porque aquilo está acontecendo, entender o desconforto de emoções e sentimentos que aquele conflito está gerando em mim e expressá-lo. E, a partir disso, tentar me conectar ao aluno instigando que ele também tenha estas mesmas percepções e tente expressá-las, para mim ou para o colega envolvido no conflito. Evitando, assim, um ambiente de julgamentos e exposições desnecessárias, pois isto levaria a um constrangimento da criança, provavelmente sem resolver o motivo inicial. Sendo então muito mais efetivo proporcionar um

ambiente seguro e acolhedor, para resolver os conflitos a partir do diálogo e de uma comunicação efetiva.

No período de estágio e na escrita deste trabalho foi possível aprender que na Educação Infantil precisamos construir um vínculo afetivo sólido para que a criança se sinta segura e acolhida no ambiente escolar e, principalmente, em sala de aula, com sua professora de referência. Quando a criança deixa de se sentir segura diante de muitas mudanças na sua rotina, por exemplo, isso poderá impactar diretamente em seu comportamento e no vínculo de afetividade, gerando desafios para uma comunicação efetiva.

A Educação Física deve contemplar o desenvolvimento da criança, tanto em aspectos físicos e motores, quanto em aspectos cognitivos e sociais, auxiliando o desenvolvimento de um ser crítico, com autonomia e que saiba ouvir e se expressar. Para que isso ocorra, foi possível compreender que o diálogo é parte fundamental na construção das aulas, pois como foi possível perceber ao longo desta pesquisa, a comunicação é peça chave para proporcionar a aproximação do professor com a criança, no sentido de ouvi-la, auxiliando na sua percepção e reflexão dos acontecimentos e em expor suas opiniões e sentimentos, tornando-a mais autônoma em suas escolhas e atitudes.

REFERÊNCIAS

AFETIVIDADE. In: MICHAELIS, **Dicionário Brasileiro Online da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/afetividade/>>. Acesso em: 02/07/2024.

ANTUNES, C. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006. 194p.

BISCARRA, Bibiana Ozório. **Afetividade na educação**. Porto Alegre: [s.n], 2012.

BILÓRIA, Jéssica Ferreira; METZNER, Andréia Cristina. A importância da rotina na Educação Infantil. **Fafibe On-Line**, Bebedouro, v. 6, n. 6, p. 1-7, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

CARVALHO, Lúcia Helena de. Educação para a paz: uma alternativa para os desafios da educação. **Educação para a paz e a tolerância: fundamentos teóricos e prática educacional**. Nádia Maria Bádue Freire (Org.). Campinas, São Paulo: Mercado de letras, 2011.

CASTRO, Luane. **O fortalecimento das relações afetivas entre professor e aluno contribui para um melhor rendimento escolar?** Porto Alegre: [s.n], 2011.

COLUMA, Elizabeth dos Santos. Como educar para a paz. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**. [s.l.]. v. 11, n. 2, p. 427-433, [s.n], 2007.

DE AMORIM, Márcia Camila Souza; NAVARRO, Elaine Cristina. Afetividade na educação infantil. **Barra do Garças: Revista Eletrônica Interdisciplinar**, v. 1, n. 7, 2012.

EMPATIA. In: MICHAELIS, **Dicionário Brasileiro Online da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/empatia/>>. Acesso em 02/07/2024.

GASPAR, Chantele Fiuza. **O papel do diálogo e da afetividade na educação a partir dos estudos de Freire e Wallon**. Tramandaí: [s.n], 2023.

KALIL, Fernanda Rubbo. **Tem lugar pro diálogo na escola? do círculo vicioso aos círculos de construção de paz**. Porto Alegre: [s.n], 2018.

LOPES, Honorina Conceição Rozendo. **A importância da afetividade na educação infantil**. Três Cachoeiras: [s.n], 2010.

MARTINS, Pamela da Rosa. **Contribuições da Comunicação Não-Violenta na prática docente**. Santa Catarina: [s.n], 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas 2017.

MARROCHE, Cristiane Cardozo. **Desafios para resolução de conflitos na Educação Infantil**. Jaguarão: [s.n], 2019.

MELLO, Tágides; Rubio, J. D. A. S. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 4, n. 1, p. 1-11, 2013.

OLIVEIRA, OL. Comunicação não violenta como ferramenta pedagógica: por uma prática docente propositiva e colaborativa. **Revista Perspectiva Sociológica**, n. 24, 2º sem. 2019, p. 97-114.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Editora Agora, 2006.

SCHIMITT, RM. **Comunicação não-violenta e sua relação com a Base Nacional Comum Curricular**. Tramandaí: [s.n], 2023.

SCHMITT, Marisa Goreti. **A mediação de conflitos como práxis pedagógica na educação física escolar**. Brasília: [s.n], 2020.

SANTOS, Karine Dos. **Práticas restaurativas no ambiente escolar: contribuições à orientação educacional**. Orientação Educacional – Registros de um processo de formação. Porto Alegre: [s.n], 2021

DOS SANTOS SILVA, Mirian Lourdes Ferreira. **Análise das dimensões afetivas nas relações professor-aluno**. Tese de Doutorado. Campinas: [sn], 2021.

STEIN, Eduarda Schallenberger. **Promoção de saúde mental infantil no ambiente escolar: experiências em comunicação não violenta**. Porto Alegre: [s.n], 2020.

Vygotsky, LS. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003, p. 311.

Apêndice A –Tabela de Revisão de Literatura

Descritor: **COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA**

Motrivivência (Florianópolis)

Total de artigos encontrados: 0	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Motriz: Revista de Educação Física (Online)

Total de artigos encontrados: 0	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Movimento (UFRGS)

Total de artigos encontrados: 0	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Pensar a Prática (Online)

Total de artigos encontrados: 2	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Revista Brasileira de Educação Física e Esporte

Total de artigos encontrados: 0	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Total de artigos encontrados: 1	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Revista da Educação Física (UEM, Online)

Total de artigos encontrados: 0	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Cadernos de Formação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)

Total de artigos encontrados: 0	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

SABI – UFRGS

Total de artigos encontrados: 11	Relacionados ao tema: 4	
Título:	Autores:	Link:

Comunicação não-violenta e sua relação com a Base Nacional Comum Curricular	SCHIMITT, Roseane Maria	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nr_b=001172902&loc=2023&l=0d7ccd66190aa404
Práticas restaurativas no ambiente escolar: contribuições à orientação educacional	SANTOS, Karine dos	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nr_b=001134452&loc=2021&l=f074847356ca0418
Promoção de saúde mental infantil no ambiente escolar: experiências em comunicação não violenta	STEIN, Eduarda Schallenberger	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nr_b=001128472&loc=2021&l=9eef69fc32117765
Comunicação não-violenta e processos circulares: uma experiência escolar	FALLER, Elisa	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nr_b=001074844&loc=2018&l=226debb27bf54372

LUME – Repositório Digital - UFRGS

Total de artigos encontrados: 7675	Relacionados ao tema: 4	
Título:	Autores:	Link:
Promoção de saúde mental infantil no ambiente escolar: experiências em comunicação não violenta	STEIN, Eduarda Schallenberger	https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/224070/001128472.pdf?sequence=1&isAllowed=y
Comunicação não-violenta e sua relação com a Base Nacional Comum Curricular	SCHIMITT, Roseane Maria	https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/261926/001172902.pdf?sequence=1&isAllowed=y
Comunicação não-violenta e processos circulares: uma experiência escolar	FALLER, Elisa	https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/181450/001074844.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Práticas restaurativas no ambiente escolar: contribuições à orientações educacional	SANTOS, Karine dos	https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232558/001134452.pdf?sequence=1&isAllowed=y
---	--------------------	---

Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Total de artigos encontrados: 133	Relacionados ao tema: 3	
Título	Autor	Link
Narrativa de um ensino de geografia afetivo (EGAA): Experiência em comunicação não-violenta (CNV) em sala de aula	BRUM, Pedro Henrique Silveira	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13481829#
Desafios para resolução de conflitos na educação infantil	MARROCHE, Cristiane Cardoso	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7764106#
A mediação de conflitos como práxis pedagógica na Educação Física Escolar	SCHIMITT, Marisa Goreti	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9789030#

SABI –UFRGS

Total de artigos encontrados: 12	Relacionados ao tema: 3	
Título	Autor	Link
COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA E SUA RELAÇÃO COM A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR	SCHMITT, ROSANE MARIA	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001172902&loc=2023&l=0d7ccd66190aa404
Práticas restaurativas no ambiente escolar : contribuições à	SANTOS, Karine dos	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001134452&loc=2021&l=f074

orientação educacional		847356ca0418
PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL INFANTIL NO AMBIENTE ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS EM COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA	STEIN , Eduarda Schallenberger	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001128472&loc=2021&l=9eef69fc32117765
COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA E PROCESSOS CIRCULARES: uma experiência escolar	FALLER , Elisa	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001074844&loc=2018&l=226debb27bf54372

Lume – Repositório Digital – UFRGS

Total de artigos encontrados: 1113	Relacionados ao tema: 1	
Título	Autor	Link
A importância da afetividade na educação infantil	LOPES, Honorina Conceição Rozendo	https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/141258/000992219.pdf?sequencia=1&isAllowed=y

Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Total de artigos encontrados: 10794	Relacionados ao tema: 1	
Título	Autor	Link
Desafios para resolução de conflitos na educação infantil	MARROCHE, Cristiane Cardoso	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7764106#

Descritor: **EDUCAÇÃO INFANTIL**

Motrivivência (Florianópolis)

Total de artigos encontrados: 2	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Motriz: Revista de Educação Física (Online)

Total de artigos encontrados: 10	Relacionados ao tema: 0
---	--------------------------------

Movimento (UFRGS)

Total de artigos encontrados: 45	Relacionados ao tema: 0
---	--------------------------------

Pensar a Prática (Online)

Total de artigos encontrados: 92	Relacionados ao tema: 1	
Título	Autor	Link
A agressividade na educação infantil: o jogo como forma de intervenção	CANDREVA, Tabata; CASSIANE, Vanessa; RUY, Marcela Prado; THOMAZINI, Leandro; CESTARI, Halina de Freitas; PRODÓCIMO, Elaine;	https://revistas.ufg.br/fef/articloe/view/4520/5350

Revista Brasileira de Educação Física e Esporte

Total de artigos encontrados: 21	Relacionados ao tema: 0
---	--------------------------------

Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Total de artigos encontrados: 4	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Revista de Educação Física (UEM, Online)

Total de artigos encontrados: 75	Relacionados ao tema: 0
---	--------------------------------

Cadernos de Formação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)

Total de artigos encontrados: 5	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

SABI - UFRGS

Total de artigos encontrados: 5687	Relacionados ao tema: 0
---	--------------------------------

LUME – Repositório Digital - UFRGS

Total de artigos encontrados: 1113	Relacionados ao tema: 1	
Título	Autor	Link
A importância da afetividade na educação infantil	LOPES, Honorina Conceição Rozendo	https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/141258/000992219.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Total de artigos encontrados: 10794	Relacionados ao tema: 1	
Título	Autor	Link
Desafios para resolução de conflitos na educação infantil	MARROCHE, Cristiane Cardozo	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7764106#

Descritor: **EDUCAÇÃO FÍSICA**

Motrivivência (Florianópolis)

Total de artigos encontrados: 3486	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Motriz: Revista de Educação Física (Online)

Total de artigos encontrados: 272	Relacionados ao tema: 0
---	--------------------------------

Movimento (UFRGS)

Total de artigos encontrados: 405	Relacionados ao tema: 0
---	--------------------------------

Pensar a Prática (Online)

Total de artigos encontrados: 420	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Revista Brasileira de Educação Física e Esporte

Total de artigos encontrados: 431	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Total de artigos encontrados: 150	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Revista da Educação Física (UEM, Online)

Total de artigos encontrados: 432	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Cadernos de Formação do colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)

Total de artigos encontrados: 4	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

SABI - UFRGS

Total de artigos encontrados: 5734	Relacionados ao tema: 0
---	--------------------------------

LUME – Repositório Digital – UFRGS

Total de artigos encontrados: 4847	Relacionados ao tema: 0
---	--------------------------------

Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Total de artigos encontrados: 33153	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Descritor: **AFETIVIDADE**

Motrivivência (Florianópolis)

Total de artigos encontrados: 2	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Motriz: Revista de Educação Física (Online)

Total de artigos encontrados: 0	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Movimento (UFRGS)

Total de artigos encontrados: 4	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Pensar a Prática (Online)

Total de artigos encontrados: 9	Relacionados ao tema: 1	
Título	Autor	Link
A agressividade na educação infantil: o jogo como forma de intervenção	CANDREVA, Tabata; CASSIANE, Vanessa; RUY, Marcela Prado; THOMAZINI, Leandro; CESTARI, Halina de Freitas; PRODÓCIMO, Elaine;	https://revistas.ufg.br/fef/article/view/4520

Revista Brasileira de Educação Física e Esporte

Total de artigos encontrados: 3	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Revista Brasileira de Ciência do Esporte

Total de artigos encontrados: 0	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Revista da Educação Física (UEM, Online)

Total de artigos encontrados: 5	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Cadernos de Formação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CCBCE)

Total de artigos encontrados: 0 | **Relacionados ao tema: 0**

SABI - UFRGS

Total de artigos encontrados: 570	Relacionados ao tema: 3	
Título	Autor	Link
O PAPEL DO DIÁLOGO E DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A PARTIR DOS ESTUDOS DE FREIRE E WALLON	GASPAR, CHANTÉLE FIUZA	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001172629&loc=2023&l=48a1018517640198
A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS E DIALÓGICAS NO PROCESSO EDUCATIVO	RODRIGUES, Renata Bassurichi	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001154700&loc=2022&l=a9cd6101af36a0d7
AFETO, CRIANÇAS E TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: um convite à vida!	RODRIGUES, DUANE	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001092211&loc=2019&l=a2ea0f3719706cb7

REVISTA: LUME– Repositório Digital – UFRGS

Total de artigos encontrados: 646	Relacionados ao tema: 8	
Título	Autor	Link
O FORTALECIMENTO DAS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE PROFESSOR E ALUNO CONTRIBUI PARA UM MELHOR RENDIMENTO ESCOLAR?	CASTRO, Luane	https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49231/000835624.pdf?sequence=1&isAllowed=y
AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO	BISCARRA, Bibiana Ozorio	https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70228/000876076.pdf?sequence=1&isAllowed=y
A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELÇÃO PROFESSOR-ALUNO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA	SILVEIRA, Lígia Regina dos Passos	https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71880/000880305.pdf?sequence=1&isAllowed=y
AFETIVIDADE: ESFERA	HAINZENREDER,	https://lume.ufrgs.br/bitstr

DE MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM	Mineide Cardoso Mengue	eam/handle/10183/142882/000993643.pdf?sequence=1&isAllowed=y
A importância da afetividade na educação infantil	LOPES, Honorina Conceição Rozendo	https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/141258/000992219.pdf?sequence=1&isAllowed=y
Afetividade e aprendizagem na Educação Infantil	WERLANG, Daniela	https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36675/000818139.pdf?sequence=1&isAllowed=y
Nas entrelinhas da relação professor-aluno : o vínculo afetivo	EVALTE, Tatiana Telch	https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25220/000752565.pdf?sequence=1&isAllowed=y
Relações afetivas: Pra que te quero?	SIMÕES, Cristiane da Silva	https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36526/000818233.pdf?sequence=1&isAllowed=y

REVISTA: Catálogo de Teses e Dissertação da CAPES

Total de artigos encontrados: 2085	Relacionados ao tema: 1	
Título	Autor	Link
AFETIVIDADE NA PRÁTICA DO PROFESSOR NA ESCOLA DA INFÂNCIA	TARDELLI, Denise D'Auria ALVES, Vanessa Takiamig	https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapaksis/article/view/2749

Descritor: **AGRESSIVIDADE**

Motrivivência (Florianópolis)

Total de artigos encontrados: 0	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Motriz: Revista de Educação Física (Online)

Total de artigos encontrados: 1	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Movimento (UFRGS)

Total de artigos encontrados: 3	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Pensar a Prática (Online)

Total de artigos encontrados: 14	Relacionados ao tema: 1
---	--------------------------------

Título	Autor	Link
A AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O JOGO COMO FORMA DE INTERVENÇÃO	CANDREVA, Tabata; CASSIANE, Vanessa; RUY, Marcela Prado; THOMAZINI, Leandro; CESTARI, Halina de Freitas; PRODÓCIMO, Elaine;	https://revistas.ufg.br/fef/article/view/4520

Revista Brasileira de Educação Física e Esporte

Total de artigos encontrados: 2	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Total de artigos encontrados: 0	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Revista da Educação Física (UEM, Online)

Total de artigos encontrados: 7	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

Cadernos de Formação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)

Total de artigos encontrados: 0	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

SABI -UFRGS

Total de artigos encontrados: 447	Relacionados ao tema: 0
--	--------------------------------

LUME– Repositório Digital – UFRGS

Total de artigos encontrados: 706	Relacionados ao tema: 2	
Título	Autor	Link
Agressividade e escola: projeto de intervenção protagonizado por professores	WIEZZEL, Andreia Cristiane Silva	https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/6260
Docência na Educação Infantil: desafios diante de comportamentos agressivos das crianças	EUZÉBIO, Walquíria Souza; LUZ, Iza Rodrigues	https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/view/250376